



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OS CARETAS: RITO E SIMBOLOGIA NA FESTA DE REIS DE RIBEIRÓPOLIS-SE

Aparecida Santana de Jesus

Mestranda em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe¹

e-mail: apelry19@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é tema de uma dissertação do programa de mestrado do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe que se encontra em andamento e tem como objeto de estudo um ritual de travestimento de um grupo chamado “Os Caretas”, o qual está inserido na Festa de Reis, que acontece anualmente no mês de fevereiro na semana que antecede o carnaval localizado no município de Ribeirópolis no estado de Sergipe.

A realização dessa pesquisa dá continuidade aos estudos iniciados no período acadêmico e que posteriormente foram ampliados no curso de Especialização em Ensino e Identidade Cultural em Sergipe, sendo atualmente desenvolvido no programa de mestrado. O estímulo para desenvolver esse trabalho surgiu da influência oriunda da manifestação representada pelo grupo “Os Caretas”, como também o fato de a pesquisadora ser natural do município onde ocorre a festa.

Os procedimentos metodológicos desenvolveram-se em etapas. Foi feito um levantamento bibliográfico; utilizou-se o instrumento metodológico da História Oral, através do qual foram realizadas entrevistas; outro ponto crucial deste trabalho foi a realização da pesquisa de campo, cuja observação participante levou em consideração três perspectivas: o olhar dos moradores da cidade sobre o grupo; o olhar do grupo sobre si mesmo e o olhar da pesquisadora sobre o grupo. Por último, encontram-se em fase de andamento a análise dos dados e o desenvolvimento do texto.

E para embasamento sobre a temática foram utilizados diversos teóricos e entre os principais estão Mikhail Baktin com sua obra *A cultura popular na Idade Média e no*

¹ Sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Eufrázia Cristina Menezes Santos do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia (NPPA-UFS).



Renascimento; Clifford Geertz em *A Interpretação das Culturas*; Noberto Guarinello em *Festa, trabalho e cotidiano*; entre outros.

SACO DO RIBEIRO OU RIBEIRÓPOLIS: ONDE TUDO COMEÇOU

Ao nos deslocarmos ao sertão sergipano pela via oeste do Estado, no trajeto de acesso via Rota do Sertão, depois de ultrapassar os limites territoriais itabaianense, somos recebidos pela imagem do Sagrado Coração de Jesus na entrada do município de Ribeirópolis que serve de referência aos viajantes do sertão. “Cidade pacata de aproximadamente 16 mil habitantes fica a 75 km da capital Aracaju. Com forte presença da atividade de comerciantes possui suas manifestações culturais enraizadas na Festa de Reis”. (MENDONÇA, 2002)

A História do Município de Ribeirópolis está ligada a uma lenda popular a qual conta que um andarilho cigano conhecido como Ribeiro habitou a região no século XIX. Não se sabe ao certo sobre sua origem nem quais seus interesses pela região, mas sabe-se que este visitante passou por lá e pouco tempo depois sumiu deixando apenas o saco constantemente portado por ele. É o que relata a professora e moradora Josenita Santana, de 54 anos à época da entrevista:

Ribeiro foi um cigano que surgiu na região atual de Ribeirópolis não se sabe da onde. Minha mãe contava que ele carregava um saco cheio de coisas, mas não se sabe o que continha no mesmo, então de repente o cigano sumiu e deixou embaixo de um pé de árvore o seu saco. Segundo minha mãe muitas pessoas acreditavam que ele saiu às pressas porque estava fugindo de alguém... Então em sua homenagem a população da região começou a se chamar de povoado *Saco do Ribeiro*.

Para Santos (1987) a região ribeiriopolense começou a se desenvolver a partir do ano de 1915 devido ao crescimento do comércio local que foi influenciado pelos grandes comerciantes da cidade de Itabaiana. Estes, começaram a disseminar na região algumas filiais têxteis e assim a região começou a ser procurada por pessoas que estavam acostumadas a participar da feira de Itabaiana. Em 1918 o comerciante Antônio



Nilo trouxe da cidade de Maruim-SE o pedreiro Pedro Mágnio para construir um barracão cujo objetivo era concentrar os feirantes locais e também a construção da Igreja Matriz. Dessa maneira o povoado começava a ganhar estrutura de município.

Em 1930, o povoado Saco do Ribeiro já apresentava um bom desenvolvimento econômico destacando-se no cultivo do algodão e no comércio de tecidos, gado e agricultura. Nas segundas-feiras acontecia (como ainda ocorre) a feira local, atraindo toda a vizinhança devido à variedade de produtos oferecidos. Como consequência desse progresso a população começou a cogitar sobre a emancipação do povoado até então pertencente à cidade de Itabaiana. (SANTOS, 1987)

De acordo com Passos (2000) em 18 de dezembro de 1933, através do decreto estadual da lei nº 188 o Interventor de Sergipe, Augusto Maynard Gomes, concedeu a Emancipação Política ao então Povoado, o qual imediatamente passou a chamar-se Ribeirópolis, cujo significado é Cidade do Ribeiro.

Desde a fundação do município em 1933, até a década de 1950 pouquíssimas coisas foram noticiadas sobre o lado cultural do município, eis porque o fazendeiro e comerciante, “José Robustiano de Menezes, na década de 20, montou uma orquestra sinfônica, a qual não deu muito certo”. (SANTOS, 1987). E lá pela década de 50, através da junção entre seus parentes do Rio de Janeiro e os funcionários da fazenda, começaram a festejar o carnaval, inicialmente em sua fazenda.

Sobre o que foi afirmado anteriormente a moradora e filha do idealizador seu Robustiano, a senhora Leniza Menezes afirma:

Até o surgimento dos Caretas não existia nada que representassem a cultura da Cidade de Ribeirópolis... Houve até a tentativa de meu pai, de montar uma Orquestra Sinfônica na cidade, mas não deu certo porque os custos eram altos, mas ele chegou até a contratar um maestro de Laranjeiras e a comprar os instrumentos.



Na década de 50 a cidade de Ribeirópolis não tinha comemoração carnavalesca, e o lugar mais próximo para se “brincar o carnaval” era a cidade de Itabaiana, que fica a cerca de 22 km dali. Nesta época os parentes do fazendeiro e ex-político José Robustiano de Menezes, que moravam no Rio de Janeiro, em uma visita anual, resolveram brincar o carnaval ali mesmo na localidade, mais precisamente em sua fazenda no povoado chamado Lagoa da Vareda.

Como o carnaval em Itabaiana acontecia na data oficial, eles resolveram comemorar uma semana antes para não coincidir com a mesma data. Assim iniciaram todos os preparativos para a brincadeira e para não serem identificados usaram trajes femininos. Eles próprios confeccionaram suas máscaras as quais inicialmente foram feitas artesanalmente como relata a filha e moradora a senhora Leniza Menezes de Jesus:

...Quando viemos morar na cidade, meu pai juntou-se com uns parentes que havia vindo do Rio de Janeiro e então começaram a construir máscaras artesanalmente, usaram umas roupas velhas femininas, pintaram as máscaras com uma tinta ruim e saíram nas ruas com a banda de pífano....No ano seguinte a brincadeira começou a ganhar força e a quantidade de pessoas começou a aumentar...

Através das constantes apresentações do grupo no período em que antecedia o carnaval, a brincadeira dos “Caretas” no mês de fevereiro foi sendo chamada de Festa de Reis, o que poderia ser considerado natural, já que no nosso país são frequentes as Festas de Reis. Mas quais as peculiaridades a Festa de Reis de Ribeirópolis poderia nos apresentar em relação às demais existentes? É o que tentarei apresentar a seguir.

Para conhecermos melhor sobre o significado de Festa de Reis, partimos do significado do Dicionário de Folclore de Câmara Cascudo que afirma que Reis:

Foram festas populares na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.) dedicadas aos três Reis Magos em sua visita ao Deus



menino...Na Península Ibérica, os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, 'os reis', de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou noite de 5 de janeiro (véspera de Reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos à data e solicitando alimentos ou dinheiro. Os colonizadores portugueses mantiveram a tradição no Brasil e de todo ainda não desapareceu o uso nalgumas regiões. O dia de Reis marca, especialmente no Norte, o final do ciclo do Natal, terminando as lapinhas e pastoris com a 'queima', e os autos tradicionais, bumba-meu-boi, chegada, fandango, congos, exibem-se pela última vez. (2002, p. 774)

Em contraste a descrição feita por Cascudo, a Festa de Reis de Ribeirópolis se difere das demais Festas de Reis do Brasil por conta das suas características. A primeira distinção seria o período festivo, uma vez que, em Ribeirópolis a festa ocorre uma semana antes do carnaval, sendo que pelo calendário cristão deveria ocorrer depois do dia de Reis; a segunda, seria uma festa totalmente profana, diferente das Festas de Reis no Brasil que são extremamente de cunho sagrado; a terceira, são os personagens, porque no caso da festa estudada, trata-se de homens transvestidos de mulher e máscaras de monstros. Dentre os rituais, ocorre à alvorada festiva em que a Banda de Pífanos se apresenta e têm como objetivo anunciar a vinda dos "Caretas" e possui no seu repertório musical cantigas regionais que de porta em porta recebem bebidas oferecidas pelos moradores.

O sentido da festa em Ribeirópolis tem mais o aspecto de comemoração carnavalesca, de inversão de papéis, ocultar por um dia seu verdadeiro "eu", tendo a licenciosidade para praticar o exagero que uma festa permite principalmente durante o cortejo do grupo "Os Caretas". Como melhor veremos no decorrer deste artigo.

A ETNOGRAFIA DA FESTA

A partir da pesquisa de campo, surgiu a oportunidade de ampliar os conhecimentos a cerca do objeto de estudo que foi iniciado através de três perspectivas: o olhar dos moradores da cidade sobre o grupo; o olhar do grupo sobre si mesmo e olhar da pesquisadora sobre o grupo.



No ano de 2011 ocorrerá a pesquisa de campo com a proposta de realizar uma etnografia da festa. E o que seria fazer esta etnografia? Geertz sugere:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (2008, p. 7)

Dessa forma, ao realizar um estudo de campo sobre a Festa de Reis de Ribeirópolis e em especial sobre o grupo “Os Caretas”, cada comportamento é compreendido como uma ação simbólica, portanto, cabe à pesquisadora não somente observar e analisar, mas principalmente interpretar. Trata-se agora de uma descrição densa, como afirma o próprio Geertz:

O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. ... como uma ciência interpretativa, à procura de significado. ... o objeto da etnografia: ...os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam...não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra.(2008, p. 4/5)

Neste ano de 2011 a festa foi comemorada nos dias 26 e 27 de fevereiro, exatamente uma semana antes do carnaval. Antes e durante esse período foram realizadas duas viagens para a cidade de Ribeirópolis, uma vez que a pesquisadora reside atualmente em Aracaju.

Vale salientar a escolha do período da festa, algo que não é aleatório, uma vez que, ela está enraizada com os festejos carnavalescos. “Os cristãos costumavam iniciar as comemorações do Carnaval na época de ano-novo e Festa de Reis, intensificando-as no período que antecedia o último dia em que os cristãos comiam carne antes da quaresma, que prepara os fiéis para a Páscoa”. (AMARAL, s/d)

Como uma festa enraizada nas tradições carnavalescas, tanto “Os Caretas” quanto os “brincantes” vivem a festa, sobre isso Baktin afirma:

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o



carnaval, não se conhece outra vida senão o carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no profundamente.” (Bakhtin, p. 6)

Segundo DaMatta (1997) o carnaval está junto daquelas instituições perpétuas que nos permitem sentir (mais do que abstratamente conceber) nossa própria continuidade como grupo. O rito não se define somente pela repetição, nem por uma fórmula rígida, pois existem rituais que abrem o mundo, pulverizando todas as regras.

Ao observar-se a cidade, todas as sua nuances, seu desenrolar antes, durante e depois da festa, não restam dúvidas de que acontecem mudanças no espaço urbano em decorrência da festa. Sobre essas alterações presentes na cidade, Heers já dizia que “essas comemorações em geral são uma quebra da rotina e do ritmo cotidiano”. (1987, p.10).

Há toda uma preparação para a festa, pois as pessoas compram roupas para estrear; a prefeitura encarrega-se de pintar os canteiros, iluminar as principais ruas; o comércio faz promoção do pó xadrez; os salões de beleza ficam superlotados; os bares e ruas ficam cheios de moradores e visitantes. Essas são algumas mudanças no cotidiano da cidade.

Ao observar-se por outro ângulo, percebe-se que a festa faz parte do calendário dos atores sociais daquela localidade, visto que ao se aproximar do carnaval automaticamente avizinha-se também a festa de reis, dando assim continuidade ao seu cotidiano. Coadunando com essas informações Guarinello ver “a festa não como realidade oposta ao cotidiano, mas integrada nele”. (2001, p. 971).

A organização do grupo “Os Caretas” está atualmente sobre a supervisão do atual secretário de esporte e lazer do município o senhor Valdir Passos Santana, que se encarrega junto com a assistente a senhora Vandete de inscrever as pessoas interessadas em saírem de Caretas, pois segundo Valdir a participação é livre para todos.



A festa é realizada na praça de eventos que é cercada por diversas barracas de bebidas e lanches para todos os gostos. Como tradição da maioria das festas interioranas do Brasil, também faz parte deste contexto festivo, um parque de diversões, que começa a funcionar muito antes da festa ocorrer.

No sábado da festa ainda pela manhã, ouve-se o carro de som da prefeitura anunciando a festa, trabalhadores também da prefeitura isolando algumas ruas e iluminando outras. Tudo muito organizado à primeira vista. Ao anoitecer a multidão começa a descer em direção à praça de eventos, todos motivados pelo desejo de diversão, de namorar, beber, dançar e alguns vão em busca também de brincar no parque.

Seguindo a programação existente na festa, na primeira noite no dia 26 no sábado, as atrações foram as bandas Beleza Rara (que gravou seu DVD lá na festa); Saia Rodada, e Marreta é Massa. A praça encontrava-se super cheia, pessoas de vários locais, tanto das circunvizinhanças como de mais longe, só para citar alguns, Frei Paulo, Itabaiana, Nossa Senhora Aparecida, Aracaju, etc.

Na madrugada do sábado para o domingo no dia 27, às 4h a Banda de Pífanos estava na concentração para sair em alvorada. A festa desenvolve-se continuamente e a pesquisadora sai da festa e vai ao encontro da banda. Este ritual é acompanhado de fogos que são soltados a cada vinte ou trinta minutos de intervalo, e a música da banda continua sendo executada pelas principais ruas da cidade.

A alvorada festiva segue firmemente, e curiosamente a banda de pífano para em algumas casas, chamadas por eles dos “amigos” e são recebidos com bebidas alcoólicas quentes e geladas, inclusive os próprios parentes e brincantes acompanham a alvorada com o litro ou a latinha de bebida na mão. Quando se aproxima das 8h da manhã do domingo, a Banda de Pífanos dá uma parada em sua concentração (casa do senhor Zé Coco), tomam o café da manhã e em alguns minutos mais tarde descem para a concentração de onde “Os Caretas” saem a partir das 8h.

Chegando à concentração (uma garagem próximo a praça de eventos) notam-se várias pessoas esperando a saída deles, -“Os Caretas” - em especial um número maior de crianças que quando indagadas sobre ter medo, eles dizem “que medo nada”. Dentro



da concentração alguns já se encontram presentes. O organizador Valdir relata que a lista consta aproximadamente de uns 200 inscritos, todos homens, no entanto, ainda existindo máscaras suficientes podem participar outros que não fizeram a inscrição prévia.

O espaço destinado à concentração torna-se insuficiente mediante a quantidade de pessoas que chegam para participar do grupo. Antes de se transvestirem aguardam a distribuição das máscaras por Valdir e sua equipe. Os integrantes do grupo trazem consigo os trajes utilizados por eles, e a criatividade aflora nas roupas femininas, acessórios, e quando perguntados a quem pertencem tais trajes, o que se ouve é “da minha mãe, da minha irmã, da minha namorada”.

Todos que se encontram ali presentes na concentração foram indagados sobre sua participação. Alguns afirmaram ser a primeira vez que saem de Careta e que sempre gostaram de participar da festa, de acompanhar o cortejo, só não tinham idade para sair de Careta, já que a prefeitura estipula a idade mínima de 18 anos para quem deseja participar do grupo.

Os veteranos respondem com ênfase, pois é evidente a alegria que sentem em virtude de estarem há tantos anos à frente do grupo e dizem que sempre que puderem continuarão a participar. Mas o que significa a participação nessa festa, nesse grupo? O que esse ritual representa para eles?

Os participantes prestes a saírem de “Careta” demonstraram que por ser uma tradição recorrente (acontece todos os anos) é que se faz sentido a sua participação no grupo. Outros participam estimulados pela iniciativa dos parentes e amigos, compartilhando este momento numa espécie de rede de solidariedade.

Os componentes ficam em fila para receberem as máscaras e deixam seus documentos de identidade, como garantia de que no final do cortejo as máscaras serão devolvidas. Em seguida começam a se caracterizarem. As risadas e as performances começam ali mesmo na concentração e os personagens chamados de “Caretas” começam a ser incorporados.



O momento do travestimento é marcado por risadas e performances grotescamente representando uma mulher, como coloca Bakhtin “essa é uma das características presente no carnaval, das coisas ‘ao avesso’”, (2008, p.10), inclusive a inversão de papéis, em que homens se vestem e se comportam como mulheres.

Segundo alguns depoimentos coletados, esta festa não tem nenhum viés sagrado, ligado a religião, então a programação religiosa durante o período festivo independe a festa de reis, destarte este ritual festivo oferece uma visão de mundo como coloca Bakhtin “certas formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à Igreja e à religião. Elas pertencem à esfera particular da vida cotidiana”. (2008, p.6)

Sobre as máscaras, elemento fundamental tanto no carnaval como nos trajes dos “Caretas”, Duvignaud (1983) diz que são utilizadas no curso de certas festas para corresponderem a autênticas situações imaginárias cristalizadas em um símbolo, longa e dificilmente preparadas por uma casta especializada. De todas as funções que se atribuem a máscara – *proteção, manifestação de uma presença do além, participação de uma casta privilegiada ou secreta, instrumento de dominação pelo temor ou identificação a forças incontroladas*, não se pode esquecer aquela que diz respeito à intercomunicação. A máscara indica uma pessoa que não existe, por intermédio de outra que existe.

Saindo da concentração o grupo “Os Caretas” segue em cortejo pelas principais ruas da cidade acompanhado pela Banda de Pífanos, e pela multidão que aos poucos vai chegando. O grupo representa vários símbolos dentro dos diversos rituais presentes na Festa de Reis.

O grupo também tem uma característica peculiar, que seria a participação somente do gênero masculino, e que no dia da manifestação todos estão devidamente vestidos em trajes femininos, e é desta forma que se entende o Carnaval como um ritual de inversão, como foi colocado por diversos autores, inclusive como coloca Vianna Júnior (1987) que “o carnaval brasileiro vai ser, principalmente, um ritual de inversão, onde as hierarquias momentaneamente se apagam: o pobre se fantasia de rico, o homem de mulher e assim por diante”.



Como importantes características além das máscaras, poderíamos destacar diversos símbolos durante a Festa dos “Caretas”, como o mela-mela. Nos dias atuais todos os manifestantes utilizam vários tipos de produtos, como pó xadrez de várias cores, óleo queimado, pó da descarga dos caminhões, lama, dentre outras substâncias que sirvam para sujar.

Já as vestes do grupo, são inspiradas nos trajes femininos, utilizando diversos adereços como, bolsas, sapatos, vassouras, perucas, pneus, cordas, chicotes, malas e cintos. E a banda de pífano, que acompanha o cortejo desde o início, continua fazendo parte da festa até os dias atuais. O último elemento que representa *Os Caretas* é o trocadinho, pedido pelos integrantes do grupo, que geralmente as pessoas oferecem moedas para não serem sujadas, ou para sujar outras pessoas por elas indicadas.

“OS CARETAS” E A IDENTIDADE CULTURAL

Professora e moradora da cidade Ribeirópolis Marineusa Santos Meneses Lima, 34 anos afirma que:

A construção da identidade cultural de Ribeirópolis, surge a partir da década de 1950, quando um grande comerciante e fazendeiro chamado José Robustiano de Menezes, sentiu a necessidade de ter algo que movimentasse a cidade, e com o carnaval acontecendo na cidade de Itabaiana, este resolve juntamente com seus amigos brincar o carnaval na sua propriedade da sua maneira. No começo a brincadeira era guiada pelo embalo de uma banda de pífano, mas anos depois, quando José Robustiano de Menezes muda-se para a cidade, a brincadeira começa a ganhar novos incrementos.

A senhora Josenita Santana moradora e professora, com 54 anos, conta que:

‘Os Caretas’ é o único grupo que representa a ‘nossa’ cultura, por isso acredito que ele seja importante para todos os moradores, e, que a cada ano a festa é uma tradição por todos acreditarem e fazerem acontecer, me identifico com a brincadeira, apesar de não acompanhar o cortejo, mas os vejo todos os anos quando passam aqui por casa.



Poderíamos afirmar então que “Os Caretas” representam uma identidade, mas de qual identidade estaríamos falando?

Stuart Hall (2006), ao afirmar que o sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, poderíamos interpretar que um integrante do grupo “Os Caretas”, ao se mascarar, assume uma identidade grupal, sendo adquirida no momento que incorpora o personagem que representa durante o cortejo?

Já para os espectadores, que acompanham a manifestação, a identidade que pode ser percebida seria a identidade cultural individual ou coletiva? Devido a todo ritual festivo, desde a alvorada até o cortejo, o grupo “Os Caretas” passa a representar e se apresentar de forma como sendo os protagonistas da festa, e estão ali para amedrontar e sujar quem os acompanha, sem revelar sua identidade, neste caso a máscara contribui para isso.

Como a cada ano “Os Caretas” estão afixados no cenário cultural local e seguem ritualizando toda a representação da festa, a identidade do grupo a qual ele representa pode ser descrita nas palavras de Stuart Hall:

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. (2006, p. 38/39)

Tanto para os integrantes do grupo quanto para os moradores do município, a sensação de pertencimento diante de uma cultura local mostra que a identidade parte do indivíduo que está inserido no coletivo, com efeito, o ponto de partida das buscas de identidade individuais ou coletivas é o fato de que somos sempre o outro de alguém e o outro é de outro. É necessário, então, pensar a si próprio a partir de um olhar externo, até mesmo de vários olhares cruzados. Deste ponto de vista as cidades podem ser fatores de encadeamento ou reforço dos processos identitários. (AGIER, 2001)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Para explicar sobre o fato de possivelmente a festa e o grupo representarem a cultura local, Guarinello elabora a ideia sobre festa, que destaca nas reflexões de unidade e identidade sobre a qual ele argumenta:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. (2001, p. 972).

A festa neste contexto das representações assume um papel importante, pois, na visão de Guarinello (2001), ela é uma produção social que pode gerar produtos tanto materiais quanto simbólicos, e a identidade é o mais geral destes produtos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando nossas reflexões, é possível afirmar que a festa ganha força na cidade, pois devido ao seu caráter celebrativo (re)atualiza determinados símbolos, e, assim, assume o papel de produtora de uma identidade cultural da cidade de Ribeirópolis. Então poderemos afirmar que a Festa de Reis e “Os Caretas”, têm



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

assumido a função de (re)inventar as tradições e (re)elaborar a identidade cultural da cidade?

Observando todo o apoio da Prefeitura Municipal em relação à produção cultural presente na Festa de Reis concluiu-se que desta forma ela é responsável em fortalecer uma identidade festiva para os atores sociais daquela localidade na medida em que reforça o poder de gestão de quem o lidera. E por último, percebendo toda a agitação presente na cidade durante a Festa de Reis o comércio local se desenvolve ainda mais e também se promove devido à festa.

Dessa forma utilizando das fontes sejam orais, escrita, e imagens da festa veiculadas a mídia, podemos obter uma melhor interpretação a respeito da Festa de Reis de Ribeirópolis e todo o seu contexto direcionado principalmente aos “Caretas” e o seu significado ritualístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. *Mana*. vol. 7 n. 2. Rio de Janeiro, out 2001;



AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998;

AMARAL, Rita. *Deixando o ruim de lado – origens do carnaval*. Artigo retirado em http://www.espiritualidades.com.br/Artigos_A_C/Amaral_Rita_carnaval.htm s/d;

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008;

BARROS, Marcelo; PASSOS, Mauro (org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis RJ: Vozes, 2002;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. *Cultura na rua*. Campinas, SP: Papyrus, 1989;

CAILLOIS, Roger. *O sagrado de transgressão: teoria da festa*. In *O homem e o sagrado*. São Paulo: Martins Fontes s/d;

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2002;

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997;

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983;

GERRTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008;

GUARINELLO, Noberto Luiz. *Festa, Trabalho e Cotidiano*. In: Iancsó, István & Kantor, Tris (orgs). *Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006;

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003;

HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

HOBBSAWN, Eric ; RANGER, Terence (eds.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997;

JÚNIOR, Hermano Paes Vianna. *O Baile Funk carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*. Dissertação de Mestrado – UFRJ. Rio de Janeiro, 1987;

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo, Campinas: Unicamp, 2003.

MENDONÇA, Jouberto Uchoa de; SILVA, Maria Marques Cruzes. *Sergipe Panorâmico*. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2002;

MENESES, Ulpiano Bezerra de; BOSI, Alfredo (org.). Identidade Cultural e arqueologia. In *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. São Paulo: Ática, 2002;

MUSZKAT, Malvina. *Consciência e identidade*. São Paulo: Ática, 1986;

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976;

SANTOS, Gilson dos. *Pedaços de sua História: Saco do Ribeiro (Ribeirópolis)*. Recife: Bompreço Indústrias Gráficas LTDA, 1987.

SITES CONSULTADOS:

http://www.ribeiropolis.net/col.php?col_id=1&mat_id=713

<http://www.correiodesergipe.com/lernoticia.php?noticia=21020>

<http://meupapagaio.blogspot.com/2007/08/ribeiropolis.html>

http://www.ribeiropolis.net/col.php?col_id=8

<http://pte.futuro.usp.br/comunidade/697arquivo2.jpg>

<http://www.ribeiropolis.net>

<http://www.ribeiropolis.se.gov.br>

<http://www.rosanevolpatto.trd.br/lendareisado.html>